

# alameda

ARQUEOLOGIA | PATRIMÔNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265

online

#22 (tomo 2) Jul. 2018

## ROTEIRO MEGALÍTICO DE AVIS

gestão e valorização  
de sítios e monumentos  
arqueológicos

Trajectos matrizes  
em estruturas territoriais  
e urbanas antigas

---

Questões de género  
na Arqueologia portuguesa

---

Topónimos da Vila do Torrão,  
de meados do século XV



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

## RESUMO

Reflexões sobre as ruínas da Lisboa romana, a propósito da recente inauguração de um hotel no centro histórico da cidade, cujo interior integra paredes de casas revestidas de frescos e pavimentadas a mosaico, parte das muralhas do século IV, e ainda vitrinas onde se mostra algum do espólio mais significativo recolhido nos trabalhos arqueológicos que acompanharam a obra.

Recordando outros vestígios da *Olisipo* romana, o autor defende que Lisboa pode e deve assumir-se como metrópole onde as ruínas arqueológicas, devidamente salvaguardadas e apresentadas, constituam mais um aliciente para a visita.

PALAVRAS CHAVE: Arqueologia urbana; Época Romana; Musealização de sítios; Património; *Olisipo* (Lisboa).

## ABSTRACT

Reflections on the Roman Lisbon ruins following the recent opening of a hotel in the historic city centre. The interior of the hotel features wall walls decorated with frescoes and mosaic, and a part of the 4th century city wall, as well as displaying some of the most significant assets collected during archaeological works carried out during the construction work.

Revisiting other ruins of the Roman *Olisipo*, the author claims that Lisbon can and should assume its place as a city whose archaeological heritage, as long as correctly safeguarded and presented, can represent yet another visiting attraction.

KEY WORDS: Urban archaeology; Roman times; Site Musealisation; Heritage; *Olisipo* (Lisbon).

## RÉSUMÉ

Réflexions au sujet des ruines de la Lisbonne romaine dans le cadre de la récente inauguration d'un hôtel dans le centre historique de la ville, dont l'intérieur intègre des murs de maisons revêtus de fresques et des sols avec mosaïques, partie des murailles du IV<sup>e</sup> siècle, et également des vitrines où l'on montre certains objets les plus significatifs recueillis lors des travaux archéologiques qui ont accompagné l'édification.

Rappelant d'autres vestiges de l'*Olisipo* romaine, l'auteur soutient que Lisbonne peut et doit s'assumer comme métropole où les ruines archéologiques, dûment sauvegardées et présentées, constituent une attraction supplémentaire pour la visite.

MOTS CLÉS: Archéologie urbaine; Époque romaine; Sites-Musées; Patrimoine; *Olisipo* (Lisbonne).

<sup>1</sup> Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

# As Ruínas da Lisboa Romana

José d'Encarnação <sup>1</sup>

## 1. PROLEGÓMENOS...

Passmei, em Setembro de 1977, quando, ao atravessar uma avenida, em Bucareste, verifiquei, no túnel subterrâneo, a existência de vitrinas e painéis a explicar o que ali se encontrara da Época Romana. E regalei-me em Plovdiv, ainda na Roménia, ao ver que o teatro romano ia ser, nessa noite de 5 de Setembro, palco da ópera *Aida*, de Verdi, e que nos fora possível tomar café na esplanada erguida sobre o anfiteatro, também ele romano, que lhe ficava ao pé.

Compreendi, ao ver que Ceaucescu mandara reedificar de raiz o *Trophaeum Traiani* – comemorativo da derrota dos seus antepassados, os Dácios, face ao poderio do imperador romano Trajano – que essa não era, apenas, uma vontade de reabilitar património, mas também a política, de se afirmar “ocidental”, como a sua língua, o romeno, bem o demonstrava.

Não me admirei, pois, ao almoçar em Perúgia, em Maio de 1996, num restaurante que mantinha como paredes as muralhas romanas; ou ao jantar, em Tarragona (Outubro de 1988), no restaurante “Les Voltes”, sob as arcarias subterrâneas das bancadas do seu anfiteatro (Fig. 1).

Tornou-se, por isso, quase banal, nas idas a Mérida, verificar como não só o Museo Nacional de Arte Romano mantinha sob ele as estruturas de uma via e suas lápides funerárias, como também outros edifícios particulares não se haviam privado de adaptar as suas novas às velhas estruturas romanas encontradas nas fundações.

O antigo de mão dada com o novo, em mui esperançosa simbiose.



FIG. 1 – Instantâneo do referido jantar no Restaurante “Les Voltes”, sob o anfiteatro de Tarragona.

FIG. 2 – Hotel Eurostar Museum, em Lisboa. Panorâmica sobre as ruínas romanas salvaguardadas no piso térreo.



## 2. E PELA LISBOA QUE AMAMOS

Como tive ensejo de recentemente atestar, *Olisipo* não cessa de nos surpreender (<http://bit.ly/2yoxl1U>).

Foi a propósito do que se lograra fazer, ao projectar o Hotel Eurostar Museum, enquadrando nas suas estruturas paredes de casas romanas revestidas de frescos e pavimentadas a mosaico e parte das muralhas do século IV. E, no piso superior, além da panorâmica sobre um trecho das construções romanas (Fig. 2), a longa vitrina a mostrar, por ordem cronológica, o que de mais significativo ali se encontrara, desde a bem antiga estela fenícia (mostrada, como se impunha, em lugar de destaque) ao recheio das moedas que o mercador setecentista tinha na sua bolsa e que o fogo do terramoto quase ia derretendo por completo. Auspicioso e exemplar fruto de negociações, nem sempre fáceis, mas bem conduzidas, para se rendibilizar o plano cultural em prol do necessário proveito económico.

Anunciam-se novidades no concernente ao vetusto – porque conhecido desde há muito – criptopórtico da Rua da Prata, suporte, em

tempo de Romanos, de uma das suas mais sugestivas praças públicas face ao Tejo. Também aí já a mentalidade começa a ser diferente, potenciada pelas outras descobertas a que, felizmente, foi possível dar a maior atenção<sup>1</sup>, cientes, empresários e organismos oficiais, de que, apesar de tudo, Cultura pode rimar – ainda que em rima branca... – com investimentos financeiros.

<sup>1</sup> Realizou-se, a 7 de Junho, no seio da Comissão de Estudos Olisiponenses da Associação dos Arqueólogos Portugueses, a conferência “Criptopórtico Romano de Lisboa: recentes interpretações no âmbito do projecto CRLx”, proferida por Ana Caessa, Nuno Mota e Pedro Vasco Martins, onde se

deu conta, como a gravura que acompanhou o anúncio sugere (Fig. 3), das novas estruturas postas a descoberto. Trata-se do projecto de estudo e valorização do criptopórtico romano de Lisboa, uma iniciativa do Centro de Arqueologia de Lisboa, da responsabilidade de Ana Caessa e Nuno Mota.

FIG. 3 – Desenho inserido no anúncio da conferência sobre os novos achados do criptopórtico romano de Lisboa.



## 2.1. O HIPÓDROMO

Uma das mais salientes descobertas do ponto de vista histórico terá sido, por motivo das obras do Metropolitano, a do hipódromo romano na zona da actual estação do Rossio.

Deu-se com a *spina*, a “espinha”, ou seja, o robusto e alongado muro que se localizava no meio da pista, em torno da qual se desenrolava a luta de cavalos e cavaleiros por um lugar no pódio.

Fala-se, por vezes, em circo, como sinónimo de hipódromo e, assim, no 3.º volume da trilogia “*teatro, anfiteatro e circo*”, intitulado *El Circo en Hispania Romana*<sup>2</sup>, depois de, numa primeira parte, se encarar o circo como “*um edifício ao serviço de uma ideologia*”, dá-se lugar à apresentação de cada um dos circos

até então conhecidos na Hispânia: o oriental da *Colonia Patricia* (Córdova), o de *Augusta Emerita* (Mérida), o de *Toletum*, o de Santiago do Cacém (*Mirobriga*), o de *Olisipo*, o provincial de *Tarraco* (Tarragona), o de Sagunto e o de *Valentia*.

<sup>2</sup> Foi uma trilogia publicada pelo Museo Nacional de Arte Romano. Este volume, datado de 2001, reúne as comunicações apresentadas sobre o tema no colóquio internacional que ali se realizou de 22 a 24 de Março desse mesmo ano.

Quanto a *Olisipo*, coube a Ana Pereira do Vale (*El Circo...*, pp. 125-140) a pormenorizada e bem ilustrada descrição acerca dos trabalhos arqueológicos (1994-1995 e 1997) que levaram à identificação do *euripus* (um conjunto de bacias) e de parte da *spina* (Fig. 4), concluindo-se que a construção do circo só terá sido levada a cabo aí pelo século IV, “*depois da conclusão dos restantes edifícios públicos*” (p. 135), motivada “*não só pela popularidade das corridas de carros, que seria considerável, mas também devido à criação de cavalos tanto para o exército como para o circo, profusamente documentada desde o século I; mas com especial incidência no século IV*”.

No catálogo da exposição *Debaixo dos Nossos Pés: Pavimentos Históricos de Lisboa*, inaugurada, a 18 de Abril de 2017, no Torreão Poente do Museu de Lisboa (encerrou a 1 de Outubro), a mesma Ana Vale e Lídia Fernandes referem (pp. 124-127) os pavimentos que o circo teria, salientando que o fragmento de placa de mármore encontrado poderia ter servido para cobrir a parte superior da *spina*.

Pensou Clementino Amaro na possibilidade de, numa das galerias do Metropolitano, poder vir a expor parte da *spina*. Não conseguiu e os blocos arrancados levaram-nos para as instalações do Instituto Português de Arqueologia, em Belém, onde viria a ser construído o Museu Nacional dos Coches; consequentemente, apenas dois se guardaram como testemunho e nada, na estação do Rossio, nos conta que, há quase dois mil anos, ali se faziam animadíssimas corridas de cavalos. Restam-nos esses dois testemunhos, o relato do acompanhamento



FIG. 4 – O trecho da *spina* identificado. Foto da equipa responsável pelos trabalhos.

arqueológico e a proposta de localização e de reconstituição, da autoria de Jacinta Bugalhão e Ana Vale (Fig. 5), a mostrar como *Olisipo* foi digna de figurar entre as poucas cidades peninsulares dotadas de tão notável equipamento. Bem se poderia ter logrado, mesmo que apenas com imagens e breves, mas sugestivas, legendas, gizar um painel a pôr numa das paredes. Não houve, porém, tal sensibilidade e Lisboa ficou a perder.



FIG. 5 – Proposta de localização e reconstituição do hipódromo. Cortesia de Jacinta Bugalhão e Ana Vale (deferência que agradeço).

## 2.2 NO LARGO D. LUÍS I

O Museu de História de Barcelona foi construído sobre estruturas romanas. Descemos de elevador para os pisos arqueológicos e, em vez dos vulgares pisos, o mostrador vai-nos indicando os séculos que vamos a atravessar até chegarmos à época da fundação da cidade romana. Não foi esse o estratagema usado pela equipa da ERA Arqueologia, que superintendeu nos trabalhos arqueológicos prévios à construção, no Largo D. Luís I, do parque de estacionamento subterrâneo que serve a tradicional Praça da Ribeira, em Lisboa, mas detém algo de muito semelhante. É que, à medida que vamos subindo de piso no parque, são-nos apresentadas vitrinas, devidamente identificadas do ponto de vista cronológico, onde se mostram alguns dos objectos mais significativos da época em apreço, desde a Idade do Ferro até aos nossos dias. Uma ideia cuja importância deve sublinhar-se: primeiro, pelo cuidado havido e pela compreensão manifestada pelos construtores, que, aliás, facultaram sem problemas a possibilidade de se fazerem trabalhos arqueológicos; segundo, pela consciencialização que se proporciona aos transeuntes, a mostrar-lhes não só que houve a preocupação de preservar a memória, mas também o desejo de que se sintam elos de uma cadeia, com passado, e a que urge, pelo nosso dinamismo, dar mais risonho futuro.

## 2.3 NAS CAVES DE UM BANCO...

Sim, aí haverá dinheiro, nas caves, ciosamente guardado e bem defendido. Não é, porém, esse, o património financeiro, que ora nos interessa, mas sim o património cultural, os restos que os nossos antepassados legaram.

Assim, se na Praça da Figueira tanto de romano se encontrou e depois não foi possível conceder-lhe a oportunidade de se mostrar, tal não aconteceu com a criação, já em 1995, do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, onde são visitáveis vestígios arqueológicos, que englobam um bairro da Idade do Ferro, um complexo industrial romano de produção de conservas de peixe, temas romanos e também elementos arquitectónicos pom-balinos.

Não admira que a entidade financiadora tenha sabiamente aproveitado os dividendos que daí poderia colher para fazer a sua promoção, em anúncio de página publicado no jornal *Expresso*: “*Mantemos a História viva e financiamos a sua qualidade de vida*”. E em jeito de colofão: “*O Núcleo Arqueológico da Rua dos Correiros, propriedade do Millennium bcp, mas também património da Cidade e do País, pelo que está acessível ao público*” (Fig. 6).

FIG. 6 – O anúncio de um mecenato...

## EM SUMA

Num texto de Jacinta Bugalhão<sup>3</sup>, pode ver-se o rol de sítios arqueológicos lisiponenses disponíveis para público usufruto. Trata-se de um texto técnico-administrativo, escrito por uma técnica. Para mim, o que aí mais me seduz é, por conseguinte, o que está por detrás dessa aparente secura: a força com que paulatinamente temos logrado inocular, tanto nas entidades administrativas (encerradas amiúde em torres de marfim...) como nos agentes económicos (que ora estão a enxergar mais além dos seus estreitos horizontes financeiros...), o vírus do património cultural e, neste caso, arqueológico, potenciador de riqueza! Exemplos como o do Eurostar Museum Hotel ou o do Millennium bcp poderão frutificar. Assim as entidades administrativas deixem de estar peadas por ultrapassadas questiúnculas legislativas e saibam, com versátil bonomia, ver o que, no momento, é mais adequado, independentemente do rígido pautar convencional. Escreve Jacinta Bugalhão, a concluir, após se ter interrogado acerca da razão pela qual se há-de preservar o que resta do passado: “*Numa cidade, de forma especial, os vestígios enterrados e frequentemente sobrepostos transmitem uma mensagem quase imediata, de antiguidade, de passado, de presença contínua. Permitem, no fundo, sentir a História e, se os arqueólogos souberem cumprir o seu dever, conhecê-la*”. “Menina e moça”, Lisboa pode, na verdade, arvorar-se também como metrópole onde as ruínas arqueológicas, devidamente salvaguardadas e apresentadas, constituam – finalmente! – um aliciante mais para a visita! 🏰

<sup>3</sup> BUGALHÃO, Jacinta (2016) – “Arqueologia Urbana em Lisboa. Da intervenção preventiva à divulgação pública”. In COELHO, I. P. *et alii* (eds.). *Entre Ciência e Cultura: da Interdisciplinaridade à Transversalidade da Arqueologia*. Lisboa: CHAM, IEM, pp. 467-474.



# almada online

[<http://www.almadan.publ.pt>]

[<http://issuu.com/almadan>]

**uma edição**



## CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[<http://www.caa.org.pt>]

[<http://www.facebook.com>]

[[c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)]

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]